

“Escavação, estudo e musealização da “Casa Romana” do Castro de São Domingos”: resultados preliminares da 5.^a campanha

Paulo André Pinho Lemos*

RESUMO

No presente artigo dão-se a conhecer os resultados preliminares da 5.^a campanha de trabalhos arqueológicos efetuados no assentamento romano na meia encosta do monte de São Domingos, enquadrados no projeto de investigação “Escavação, estudo e musealização da “Casa Romana” do Castro de São Domingos”. Este projeto surge da vontade expressa da autarquia de Lousada em levar a cabo um estudo clarificador e de valorização do espaço arqueológico aludido, sob a coordenação científica do signatário, ainda que aberto à participação de outros colaboradores/investigadores, mormente o arqueólogo Gabriel Pereira, contando ainda com a colaboração de António Manuel dos Santos Pinto da Silva, como consultor científico.

PALAVRAS-CHAVE

Casa Romana; Idade do Ferro; Época Romana.

ABSTRACT

In this article we present the preliminary results of the 5th campaign of archaeological work carried out in the Roman settlement on the half-slope of the hill of São Domingos, included in the research project “Excavation, study and musealization of the “Casa Romana” (Roman House) of the Hillfort of São Domingos”. This project arises from the expressed intention of the local authority of Lousada to carry out a clarifying and valorization study of the mentioned archaeological place, under the scientific coordination of the signatory, although opened to the participation of other collaborators/investigators, mainly with the archaeologist Gabriel Pereira, and with the collaboration of António Manuel dos Santos Pinto da Silva, as scientific consultant.

KEYWORDS

Roman House; Iron Age; Roman Period.

* Arqueólogo. Projeto de investigação “Escavação, estudo e musealização da “Casa Romana” do Castro de São Domingos”.

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento dos trabalhos arqueológicos (concretamente as intervenções levadas a cabo por José Marcelo Sanches Mendes-Pinto) e a progressiva revelação da importância científica e patrimonial do Castro de São Domingos (o povoado fortificado encontra-se em vias de classificação¹) levaram a Câmara Municipal de Lousada a desenvolver o projeto de investigação “A “Casa Romana” do Castro de São Domingos: intervenção arqueológica e valorização patrimonial”, entre 2009-2011.



FIGURA 1. Localização do Castro de São Domingos (Cristelos, Lousada) (IGeoE, 1998).



FIGURA 2. Implantação da designada “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Google Earth, 2018).

Este projeto surgiu como forma de conservação e salvaguarda de toda a informação concernente ao sítio arqueológico, concretamente do assentamento romano na meia encosta do monte de São Domingos. O mencionado projeto foi estruturado em 4 fases: 1) ações de escavação arqueológica; 2) realização de estudos sedimentológicos, arqueométricos, antracológicos, geológicos e palinológicos e datações por radiocarbono; 3) ações de estudo e tratamento de materiais provenientes das anteriores intervenções realizadas no Castro de São Domingos, na década de 1990; 4) ações de conservação, restauro e valorização.

A primeira etapa foi efetuada numa superfície superior a 500 m², numa tentativa de definição rigorosa do potencial arqueológico do espaço em questão, esclarecendo a

¹ A proposta de classificação do Castro de São Domingos como Imóvel de Interesse Público deve-se ao arqueólogo Mendes-Pinto, em 28 de junho de 1999. 2000, 18 de fevereiro: despacho de abertura do processo de classificação; 2009, 23 de outubro: o processo de classificação caduca, nos termos do artigo 78.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro; 2015, 9 de junho: despacho de abertura do processo de classificação.

atual situação do assentamento romano na meia encosta do monte de São Domingos, apurando, igualmente, o seu estado de conservação e, simultaneamente, caracterizando novos elementos arqueológicos.

No que concerne à segunda fase, graças a um protocolo com o Laboratório do Porto da Direção-Geral de Energia e Geologia, foi realizado um conjunto de estudos de cariz geológico, com vista à clarificação das hipóteses aventadas para uma das funcionalidades das fossas identificadas no povoado, nomeadamente a sua utilização na atividade extrativa de material argiloso para utilização nas estruturas murais das diversas construções da denominada “Casa Romana” (Nunes, *et al.*, 2011; Novais, *et al.*, 2014).

Contudo, refira-se que o supramencionado projeto de investigação não foi, por imperativos financeiros, concluído. Com o intuito de terminar a intervenção arqueológica e a respetiva valorização patrimonial do sítio, o atual projeto de investigação, denominado de “Escavação, estudo e musealização da “Casa Romana” do Castro de São Domingos”, desenvolver-se-á nos anos 2017 a 2020, sob a coordenação científica do signatário, ainda que o projeto esteja aberto à participação de outros colaboradores/ investigadores, sendo a equipa formada por Paulo Lemos e Gabriel Pereira, arqueólogos, investigadores e coordenadores científicos, contando ainda com a colaboração de um consultor científico, António Manuel dos Santos Pinto da Silva.

2. DESCRIÇÃO DO PROJETO/OBJETIVOS

O projeto de investigação “Escavação, estudo e musealização da “Casa Romana” do Castro de São Domingos” surge da vontade expressa da Câmara Municipal de Lousada em levar a cabo um estudo clarificador e de valorização integral do espaço arqueológico concernente ao assentamento romano na meia encosta do monte de São Domingos.

Deste modo, e com o desígnio de alcançar os resultados propostos, foram delineados vários objetivos, necessariamente apoiados em metodologias adequadas e condições de financiamento estáveis, asseguradas pela Câmara Municipal de Lousada, estruturadas em três fases: a) escavação arqueológica; b) estudos sedimentológicos, arqueométricos, antracológicos, geológicos e palinológicos e datações por radiocarbono; c) conservação, restauro e valorização do sítio.

Na primeira etapa dos trabalhos arqueológicos pretende-se uma avaliação da totalidade da área, numa superfície de 1500 m², para



FIGURA 3. Localização da área arqueológica da designada “Casa Romana” do Castro de São Domingos.

uma definição rigorosa do potencial arqueológico do espaço em questão, esclarecendo a atual situação do assentamento romano na meia encosta do monte de São Domingos.

A segunda fase do projeto prevê a realização de estudos arqueométricos (nomeadamente com materiais cerâmicos e metálicos), de antracologia, de palinologia (com vista a abordagens paleoecológicas e paleoclimáticas), datações por radiocarbono e outros, com amostras recolhidas nas escavações a efetuar ou originárias de outras intervenções efetuadas naquela estação, desde que devidamente contextualizadas arqueologicamente.

Finalmente, a terceira etapa prevê a realização de trabalhos de conservação, restauro e valorização do assentamento romano na meia encosta do monte de São Domingos. Para o efeito, esta última etapa do projeto abarca uma série de ações: a) trabalhos de limpeza, eliminação da vegetação e preparação das estruturas; b) trabalhos de consolidação dos elementos pétreos com hidrofugação pelo exterior; c) trabalhos de restauro das estruturas identificadas; d) trabalhos de instalação de um sistema de drenagem; e) colocação de pedras, criando uma diferenciação entre interior/exterior das diversas estruturas.

Deste modo, e tendo em atenção os resultados previstos dos trabalhos planeados, pretende-se, na conclusão do projeto, uma clarificação e valorização do espaço arqueológico do assentamento romano na meia encosta do monte de São Domingos.

3. CASTRO DE SÃO DOMINGOS

3.1. ANTECEDENTES. DESCOBERTA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO E TRABALHOS REALIZADOS

A primeira referência documental ao Castro de São Domingos regista-se nas *Inquirições de D. Afonso II*, de 1258 (Academia das Ciências de Lisboa, 1888-1897, fl. 547), onde se refere que “Item quod habetur ibi unum castrum et fuit populatum: et dixit quod omnes qui morantur in ipsa villa partierunt illud se et laborant illud”.

Mais tarde, nos primórdios do século XVIII, o padre Carvalho da Costa, a propósito da freguesia de Cristelos, refere-se a este sítio arqueológico nos seguintes termos: “Aqui está o Monte de Crasto de S. Domingos, que tomou este nome de huma Capella que teve deste Santo: tem sinais de fortificação, que pelo nome supomos ser dos Romanos” (Costa, 1706, p. 400). Contudo, é somente em 1880 que Francisco Martins Sarmiento, “em visita ao local tece as primeiras considerações científicas sobre o povoado. Nessa visita, Martins Sarmiento descreve-o como tendo sido um povoado fortificado onde ainda eram visíveis várias linhas de muralha. Refere ainda o achado de diversos fragmentos cerâmicos que considerou de cronologia romana” (Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008, p. 106).

Já no século XX (1957), D. Domingos de Pinho Brandão foi o primeiro autor a divulgar e a recolher materiais de superfície do Castro de São Domingos (Mendes-Pinto, 2008, p. 51). Ao longo dos séculos XX e XXI, outros autores se debruçaram sobre este

povoado e/ou sobre o espólio dele proveniente, designadamente: Vieira (1887, p. 355), Alarcão (1958), Lanhas (1971), Silva (1986), Dias (1997) e Nunes, Sousa e Gonçalves (2008, p. 106). Alarcão identifica um dos fragmentos guardados por D. Domingos de Pinho Brandão no Museu do Seminário Maior do Porto como sendo uma forma DRAG.37, de fabrico hispânico, decorada a molde com métopas de palmetas e que atribui provavelmente aos inícios do século II (Alarcão, 1958 *apud* Mendes-Pinto, 2008, p. 51).

Finalmente, o Castro foi objeto de investigação entre 1994 e 1999, pelas contínuas campanhas arqueológicas levadas a cabo pelo arqueólogo Mendes-Pinto (Nunes, Sousa e Gonçalves, 2007, pp. 1-4, 2008, p. 106; Mendes-Pinto, 2008, pp. 51-52), financiadas pela autarquia de Lousada, através do seu Gabinete de Arqueologia.

3.2. DESCRIÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO

O Castro de São Domingos (41°16'31.50" N; 08°17'45.96" O) está localizado na União de Freguesias de Cristelos, Boim e Ordem, concelho de Lousada e distrito do Porto. O seu nome advém de uma antiga capela que terá existido no topo do monte, dedicada a São Domingos, e que, à semelhança de muitos outros locais, tinha como finalidade a cristianização do sítio (Sarmiento, 1880 *apud* Guimarães, 1989, pp. 26-27; Mendes-Pinto, 2008, p. 51).

Constituindo o maior e mais bem preservado povoado proto-histórico identificado ao longo da bacia do Mezio, território que atualmente se insere, na sua quase totalidade, no concelho de Lousada, o Castro de São Domingos, apesar de uma intensa humanização da paisagem envolvente (florestação, rede viária e construção civil), conserva na sua área de implantação importantes vestígios associados ao povoamento da Idade do Ferro, correspondentes às denominadas Fase IIA e IIB (do século VI a.C. à segunda metade do século III a.C.) e Fase IIIA e IIIB (do século II a.C. à segunda metade do século I a.C.) da "cultura dos castros" (Nunes, *et. al.*, 2007, p. 1). Atingiu, segundo Martins (1990, p. 206), por volta do século II a.C. e sensivelmente até à segunda metade do século I, portanto já no quadro da romanização, o seu período *optimum* (Nunes, *et. al.*, 2007, p. 1).



FIGURA 4. Monte de São Domingos visto da sua perspetiva sul.

O Castro de São Domingos apresenta-se como “um povoado fortificado de médias dimensões, implantado num outeiro cónico isolado que domina visualmente todo o vale do rio Mezio e apresenta óptimas condições naturais de defesa” (Mendes-Pinto, 1995, p. 273), claramente perceptível na paisagem e em notória dominância e centralidade relativamente aos demais povoados implantados na bordadura montanhosa que ladeia o vale do Mezio (Nunes, *et al.*, 2007, p. 2), onde, e de acordo com a tese defendida por Ferreira da Silva (1980, p. 88), a distribuição destes povoados, longe de ser anárquica, poderia obedecer a uma certa hierarquização, cabendo, com alguma certeza, ao povoado de São Domingos um certo grau de preponderância, que, no entanto, ainda não nos é inteiramente perceptível (Nunes, *et al.*, 2007, p. 2).

O povoado de S. Domingos, “que se desenvolve até à EM 1132, possui três linhas de muralhas, correspondentes a cada uma das três grandes plataformas aí visíveis, separadas por fortes declives, onde se terão inscrito preferentemente as estruturas habitacionais” (Mendes-Pinto, 1995, p. 273).

Se é inegável a valia científica e patrimonial desta estação arqueológica no contexto local e regional, o facto é que as escavações realizadas no monte de São Domingos permitiram constatar duas realidades distintas: uma primeira, coincidente com as cotas localizadas acima dos 300 m, onde persiste uma considerável área de vestígios que se encontram relativamente bem preservados, e uma segunda, situada abaixo da cota dos 300 m, onde a realidade arqueológica foi sendo alvo de perturbações, mais ou menos evidentes, mormente por ação antrópica direta, conforme ficou patente nos resultados obtidos através das intervenções levadas a cabo por Mendes-Pinto, em meados da década de 1990, no Setor I daquele povoado² (Mendes-Pinto, 1994, pp. 4-5), e ainda pelas sondagens de avaliação realizadas na Rua do Castro (base oeste do povoado), sob direção científica de Carlos Alberto Brochado de Almeida, em 2006³.

No setor II, implantado por Mendes-Pinto à cota de 310 m, ao nível das plataformas superiores do monte, as intervenções “permitiram colocar a descoberto um núcleo de ocupação indígena, com casas de planta circular, lajeados e muros de divisão e contenção, dos séculos IV e III a.C.” (Mendes-Pinto, 1994, pp. 5-6).

² Segundo Mendes-Pinto (1994, pp. 4-5), a destruição evidenciada pela escavação do Setor I, “em cujas camadas (00) e (01) as cerâmicas indígenas se encontram misturadas com materiais romanos datáveis dos finais do século I a.C. a I d.C. é explicável pelo desmonte e roubo de pedra através dos séculos, pelo plantio de árvores de que os eucaliptos representam a última etapa”. A estes factos, notados pelo autor, acresce a regularização das plataformas situadas a média encosta, nomeadamente ao longo da Baixa Idade Média (séculos XII e XIII), com o intuito de proceder ao cultivo das suas vertentes, conforme se deduz da leitura das *Inquirições* de 1258 (Academia das Ciências de Lisboa, 1888-1897, fl. 547): “Item quod habetur ibi unum castrum et fuit populatum: et dixit quod omnes qui morantur in ipsa villa partierunt illud se et laborant illud”. Mais recentemente, a partir dos primórdios do século XX, o Castro passou a ser palco de festividades populares, situação que, para além da criação de plataformas artificiais a média encosta, deu início a um processo de “reocupação” do monte, levando a um paulatino movimento de edificação de habitações unifamiliares nas encostas sul/sudeste e sudoeste do povoado, situação que alterou profundamente a topografia do sítio, acrescentando-lhe infraestruturas até então inexistentes (sistema viário, rede de água potável, águas pluviais, luz, etc.).

³ Da avaliação do relatório final apresentado por Carlos Alberto Brochado de Almeida e aprovado pelo IPPAR – Instituto Português do Património Arquitetónico, através do ofício n.º S-2006/152207, de 28/07/2006, constata-se a total ausência de estruturas arqueológicas conotadas com o sítio em apreço.

A conquista, e consequente destruição do povoado, provavelmente no decurso das Guerras Cantábricas (26-19 a.C.), é apontada por Mendes-Pinto como ponto de partida para uma “reorganização espacial do povoado, com o reordenamento interno dos núcleos familiares, que passam a ser compostos por unidades circulares e unidades sub-retangulares ou quadrangulares cercadas por um muro e dando para um grande pátio lajeado, onde se processavam algumas das principais atividades domésticas, notando-se desde logo a adaptação à cultura romana e a influência mediterrânica da casa-pátio. Os novos conceitos urbanísticos, apropriados e interpretados pelos indígenas, são comprovados na casa romana a meia-encosta de S. Domingos. Talvez pelos finais da primeira metade do século I, ou inícios da sua segunda metade, vemos a coroa do monte ser paulatinamente abandonada em favor das plataformas da meia-encosta, quando se começam a construir casas já tipicamente romanas” (Mendes-Pinto, 2008, p. 60).

“[É] no decurso deste processo de reordenamento [defendido por Mendes-Pinto] que se verificou a construção de um pólo habitacional romano (séc. I a V d.C.), implantado na encosta virada a Sudeste, pólo esse entretanto alvo de uma intervenção de emergência que permitiu colocar a descoberto diversas dependências e exumar importante espólio cerâmico e numismático” (Nunes, Sousa e Gonçalves, 2008, p. 107), achados que comprovam “uma economia de cariz vincadamente agrário, intensificando-se (...) os contactos com o resto do Império” (Mendes-Pinto, 2008, p. 60).

Do espólio proveniente do monte de São Domingos “destaca-se a presença de cerâmica de importação, nomeadamente ânforas vinárias Alterne 70 e Dressel 20 (século I-II d.C.), e ainda várias *sigillatas*, entre as quais um fragmento de fundo de *sigillata* hispânica, possível forma Drag.27, com marca de oleiro de ângulos curvos onde se pode ler OFVAPA, isto é, proveniente da oficina do oleiro Valerius Paternus, de Tritium Magallum (atual Tricio, Espanha)” (Nunes, *et. al.*, 2007, p. 4), à qual se junta um fragmento de Drag.37⁴, moldado, de verniz brilhante, mas estaladiço, vermelho forte. Apresenta pasta cor de tijolo, dura e granulosa, possivelmente datado das primeiras décadas do século II d.C. (Alarcão, 1958, pp. 262-264). A ocupação do monte de São Domingos “perdurará pelo menos até aos inícios do século V, época da chegada dos bárbaros, quando terá sido destruída a habitação [romana a meia-encosta] por meio de novo incêndio” (Mendes-Pinto, 2008, p. 60).

3.3. DESCRIÇÃO DO ASSENTAMENTO ROMANO NA MEIA ENCOSTA DO MONTE DE SÃO DOMINGOS

O assentamento romano na meia encosta do monte de São Domingos corresponde a uma área implantada na sua vertente sudeste e na qual se insere a faixa de terreno intervencionada, em 1996, pelo arqueólogo Mendes-Pinto, numa superfície total de 80 m², concretamente a designada “Casa Romana”.

Na mencionada vertente foram detetados “restos de muros e abundantes fragmentos de *tegula* e cerâmica comum romana a indicarem a presença de importantes ves-

⁴ Fragmento atualmente pertencente à coleção do Seminário Maior do Porto.



FIGURA 5. Fotografia aérea da designada “Casa Romana” do Castro de São Domingos (António Alfredo da Silva da Mota Leitão).

tígios arqueológicos” (Mendes-Pinto, 2008, p. 55). De acordo com o mencionado autor (2008, p. 55), estes indícios de ocupação romana do espaço foram perceptíveis graças aos trabalhos das máquinas de um empreiteiro que realizou trabalhos de terraplenagem, com o objetivo de proceder à construção de um prédio de habitação.

As escavações levadas a cabo por Mendes-Pinto (2008, pp. 55-56) revelaram os restos de uma casa romana, que apropriou um pátio lajeado e uma antiga habitação circular. Foram escavados dois compartimentos: o primeiro, no extremo nordeste, de planta quadrangular, com cerca de 4,5 m de lado, possui uma porta virada a sudeste, pela qual comunicava com uma sala (destruída pelos trabalhos realizados pela máquina e da qual apenas subsiste o arranque de uma das paredes e vestígios de um piso em terra batida); o segundo compartimento encontra-se incompleto, mas apresentaria planta retangular, com uma largura mínima de 4x6 m, ao qual Mendes-Pinto atribui uma cronologia provável do século I. No exterior da casa, no seu lado sudoeste, encontrou-se um lajeado de um pátio pertencente a uma habitação de planta circular, castreja.

A casa romana sofreu um incêndio, sendo, posteriormente, alvo de uma remodelação, que lhe reduziu o espaço anexo (provavelmente na segunda metade do século III). O nível de circulação foi alteado em cerca de 0,80 m, reaproveitando-se para esse fim parte dos derrubes da anterior construção, tendo os muros anteriores sido utilizados como alicerce da nova construção. Dessa edificação mais antiga apenas chegaram até nós os vestígios inferiores dos seus muros e dos seus pisos em terra batida e compactada. Sobre estes, um derrube de *tegulae* e *imbrex* comprova o desmoronamento do telhado, originado, uma vez mais, por um incêndio, presumivelmente em meados do século V, aquando da invasão visigoda (Mendes-Pinto, 2008, p. 56).

4. METODOLOGIA GERAL

Os trabalhos arqueológicos foram realizados entre junho e outubro de 2017, tendo sido precedidos de um conjunto de ações, concretamente levantamento fotográfico e eliminação da vegetação existente, tendo as ações de escavação sido efetuadas de acordo com as técnicas de escavação e registo arqueológico desenvolvidos por Edward C. Harris (1979) e continuados por outros autores (por exemplo, Carandini (1983)). Este método de trabalho define-se pela identificação de Unidades Estratigráficas (UE), que são unidades de deposição, naturais ou produto da intervenção humana, individualizadas de acordo com as suas características físicas (compactação, cor, composição, espessura, extensão), materiais incluídos (areia, argila, saibro, rocha, cerâmica, vidros, carvões, metais, entre outros) e sobretudo pela sua relação estratigráfica com as outras unidades. A crivagem das terras foi sistemática sempre que se verificou a ocorrência de maior volume de espólio ou a escavação com enxada.

Os materiais provenientes da intervenção passaram por um processo faseado de tratamento, que abrangeu lavagem, fotografia, desenho, marcação individual com a sigla da intervenção, quadrado e UE (ex.: CD.CR.17 K5 UE 200) e, finalmente, a inventariação individual e respetiva inclusão numa base de dados⁵.

A implantação da quadrícula de escavação, em malha ordinária de 2x2 m, obedeceu a um esquema de coordenadas alfanuméricas corrente, orientado pelos eixos noroeste-sudeste (a que foram atribuídas letras) e nordeste-sudoeste (a que foram atribuídos números).

O levantamento altimétrico do terreno e da intervenção foi realizado com base em cotas absolutas, obtidas a partir do topo do muro em blocos de cimento, com cerca de 1 m de altura, que delimita o terreno onde se implanta a designada “Casa Romana”, no seu limite nordeste, correspondente à UE 070, referenciado com a cota 260,17 m⁶.

5. RESULTADOS DA INTERVENÇÃO: ESTRUTURAS, ESTRATIGRAFIA E ESPÓLIO

As ações de escavação arqueológica incidiram no assentamento romano na meia encosta do monte de São Domingos, que, dada a sua dimensão, foi subdividido em duas áreas de intervenção. A primeira, Área A, corresponde à faixa de terreno que delimita a designada “Casa Romana”, a sul (Quadrados F-P 1 a 26). A segunda área de intervenção, Área B, corresponde à faixa de terreno situada entre a Travessa Nossa Senhora da Conceição e a supracitada Área A (Quadrados Q-X 2 a 26).

⁵ As peças mais significativas provenientes da intervenção realizada no âmbito do projeto de investigação “Escavação, estudo e musealização da “Casa Romana” do Castro de São Domingos” foram englobadas numa base de dados, desenvolvida no programa Microsoft Excel, às quais foi atribuído um Número de Inventário (NI), único e sequencial.

⁶ A implantação da quadrícula de escavação foi realizada pelos serviços de topografia da Câmara Municipal de Lousada, colaboração que, naturalmente, se agradece.

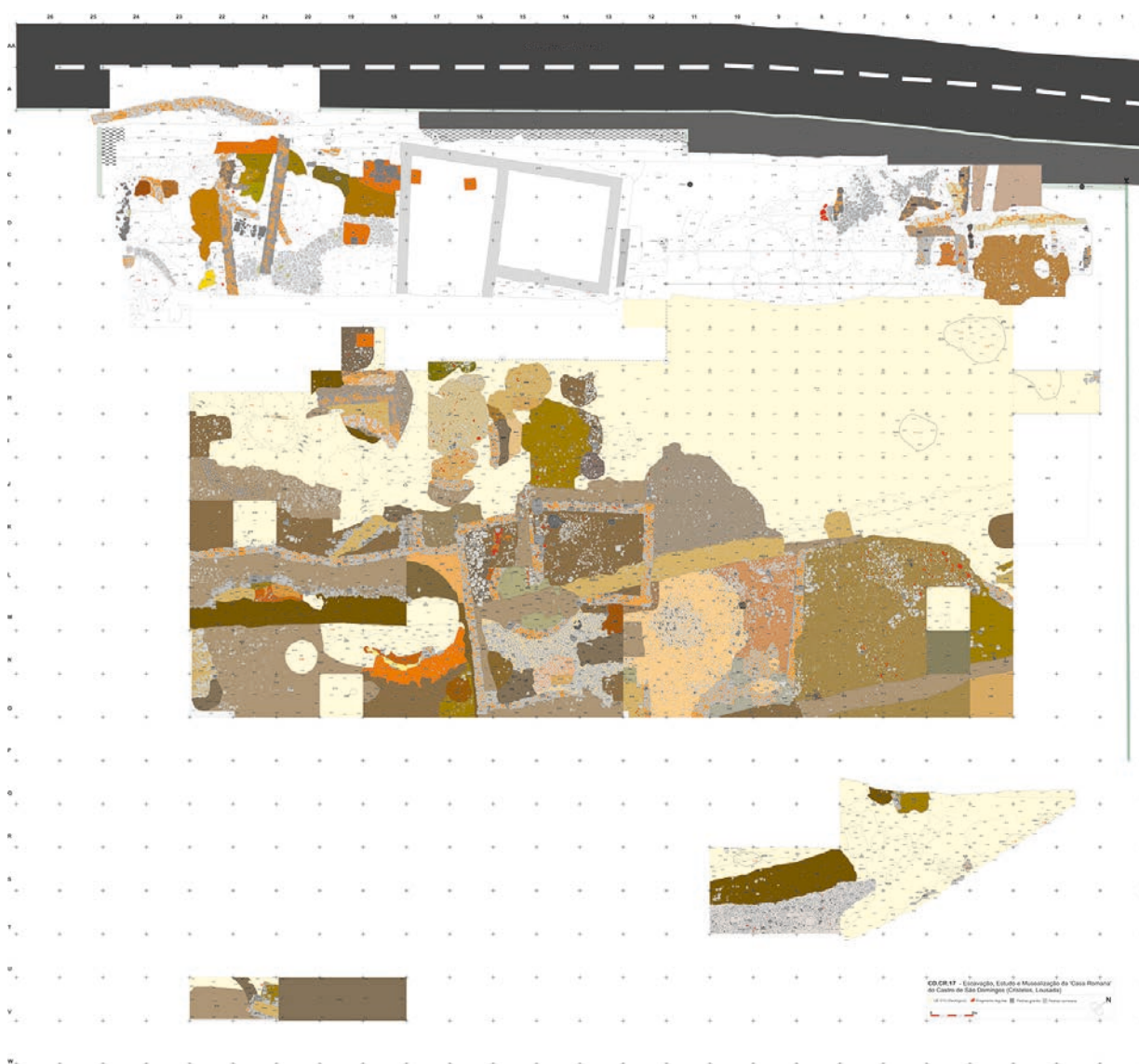


FIGURA 6. Plano geral da área intervencionada na designada “Casa Romana” do Castro de São Domingos.

5.1. AÇÕES DE ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA: ÁREA A

As ações de escavação arqueológica foram executadas neste espaço numa superfície total de 684 m², que abarca a área intervencionada, entre 2009 e 2011, com o anterior projeto, tendo a intervenção revelado uma considerável potência e complexidade estratigráfica, bem como a identificação de diferentes fases de ocupação/uso do espaço aqui em análise.

O primeiro momento identificado, cronologicamente mais recente, é de Época Contemporânea, sendo representado por diferentes etapas. A primeira está relacionada com as ações de terraplenagem realizadas na década de 1990, tendo sido identificadas, sob o nível vegetal/humoso, sete unidades de aterro constituídas por terras muito heterogêneas, com abundante espólio de díspares cronologias (Idade do Ferro, Época Romana e Época Contemporânea).

A segunda etapa de Época Contemporânea está representada por uma sucessão de nove valas mecânicas, abertas no geológico natural, no sentido nordeste-sudoeste, cronologicamente atribuíveis às últimas décadas do século XX, e também elas relacionadas com as mencionadas ações de terraplenagem efetuadas na década de 1990. As valas registadas correspondem a ações de remoção de esteios de ramada em granito e das respetivas vides, tendo truncado uma multiplicidade de níveis/estruturas de diferentes épocas. Estas valas encontravam-se preenchidas por uma multiplicidade de unidades heterogêneas, com frequente espólio de diversas cronologias (Idade do Ferro, Época Romana e Época Contemporânea).

Do período Contemporâneo/Moderno foi identificado o muro [388] (Quadrados L-M 15 a 22), formado por pedras de corneana, com ocasionais de granito, de médias a grandes dimensões, com apenas uma face, voltada a sudeste, sem argamassa a preencher os interstícios, sendo estes completados por pedras de pequenas dimensões e por terra pouco compacta, de grão fino. As pedras que compõem esta estrutura correspondem a reaproveitamentos, sendo perceptíveis fragmentos de mós de vaivém, de esteios de ramada de Época Contemporânea, uma pedra de corneana de pequenas dimensões, ostentando duas “covinhas” interligadas por um pequeno sulco e uma lasca de sílex.

O muro [388], conjuntamente com os muros [389] e [409] da Idade do Ferro, delimita o espaço concernente a um caminho, com orientação oés-sudoeste-és-nordeste, serpenteando o terreno, com uma largura média de 1,10 m, sendo perceptível numa extensão de 13 m. Entre estas estruturas foi depositada a unidade [390], equivalente a um nível de circulação. Este caminho fazia a ligação entre a zona do vale do rio Mezio e o topo do monte de São Domingos, de acesso a uma antiga capela que terá existido no topo do monte, dedicada a São Domingos, e que, à semelhança de muitos outros locais, tinha como finalidade a cristianização do sítio (Sarmento, 1880 *apud* Guimarães, 1989, pp. 26-27; Mendes-Pinto, 2008, p. 51).

De Época Romana temos a habitação constituída pelos muros [399], [505], [550] e [566] (Quadrados K-M 12 a 16), ostentando forma quadrangular (4,80 x 4,80 m), com uma área interna de 23 m².

Esta estrutura exhibe paredes constituídas, essencialmente, por pedras de granito de médias dimensões, bem-talhadas, revelando ambas as faces regulares, com interstícios preenchidos por pedras de granito de pequenas dimensões, por fragmentos de *tegulae* e por terras compactas, argilosas de grão fino e de cor castanho-clara. As paredes [399] e [566] apresentam-se em toda a sua extensão e as paredes [505] e [550] estão destruídas nos seus limites sul pelos supracitados trabalhos de abertura de vala mecânica. Revelou



FIGURA 7. Muro [388] (Quadrados L-M 15 a 22).



FIGURA 8. Estrutura habitacional de Época Romana (Quadrados K-M 12 a 16).

porta voltada a sudoeste, aberta na parede [550], com 1,10 m de largura, tendo, no seu interior, sido identificados três níveis de depósito – [398], [594], [401] = [593] –, aqui colocados para preparação/assentamento do piso de circulação. Contudo, este piso não foi identificado, tendo sido destruído pelos trabalhos de terraplenagem efetuados na década de 1990.

Relacionada com esta habitação, foi ainda identificada uma área de circulação coetânea desta estrutura, o piso [407]. Este piso, identificado na envolvente sudoeste, precisamente na zona da entrada do edifício, funcionava como uma área de apoio à circulação, tendo sido edificado com o intuito de encobrir uma área de ocupação anterior e que se encontrava abandonada. Delimitado pelo edifício de Época Romana e pela estrutura da Idade do Ferro [408], o muro [417] é composto por terras extremamente



FIGURA 9. Porta voltada a sudoeste, aberta na parede [550] da estrutura habitacional de Época Romana (Quadrados K 14. 15).

compactas, arenosas de grão médio, de cor castanho-clara com tons de cinza-claro a branco, frequentes pedras de corneana de pequenas dimensões, sendo delimitado, no seu limite sul/noroeste, por um alinhamento de fiada única composto por fragmentos de *tegulae*, *imbres* e pedras.

Da Idade do Ferro foram identificados quatro momentos ocupacionais do espaço, explanados em diversas estruturas habitacionais, dispostos na área agora intervencionada.

As estruturas da Idade do Ferro mais recentes estão patentes nos Quadrados H-K 15 a 22. Aqui foi identificado um primeiro núcleo habitacional constituído por duas habitações circulares, compostas por pedras de corneana de médio porte, interstícios preenchidos por terras saibrentas, compactas, de cor amarelada a bege. A primeira – habitação [185] –, de maiores dimensões, apresentaria um diâmetro interno de 4,50 m, expondo ainda um lajeado exterior – [280] – e um canal de escoamento de águas – [281]. A outra habitação circular – [410]/[411] –, que apresentaria um diâmetro interno que rondaria os 3,50 m, apresenta ainda um muro curvilíneo – [409] –, vulgarmente conhecido por “braços de caranguejo” ou “tipo pinça”, composto por pedras de corneana de médias dimensões, de faces regulares, interstícios preenchidos por pedras de granito de pequenas dimensões e terras compactas, argilosas de grão fino a médio, de cor castanho-clara.

Este muro, edificado no sentido noroeste-sudeste, ostenta forma semicircular, com 2 m de comprimento por 0,40 m de largura e altura visível de 0,50 m, tendo-se apoiado numa anterior estrutura castreja, concretamente no muro [408]/[417]/[268], delimitador de um pátio aberto e lajeado – [188]. A circunscrever esta área habitacional está o muro [389], que mais não é do que uma estrutura delimitadora do espaço. Este muro, edificado em tempo posterior ao muro [409], ao qual adossa, foi construído com recurso a pedras de corneana de médias a pequenas dimensões, com os interstícios preenchidos por terras de cor castanho-clara, desagregadas, de grão médio, e pedras de pequenas dimensões. Ostenta largura média de 0,45 m, uma altura máxima de 0,75 m e uma extensão visível de 10,50 m, com orientação oés-sudoeste-és-nordeste, serpenteando o terreno onde foi edificado.



FIGURA 10. UE 409 (Quadrados K-L 16 a 17).



FIGURA 11. Muro [408] (Quadrados K-O 16).



FIGURA 12. Lajeado [624] (Quadrados N 9 a 10 e O 9 a 11).

Anterior a esta realidade habitacional temos uma ocupação do espaço visível em três grandes áreas habitacionais. De referir que a correlação espacial/temporal entre estes diferentes espaços residenciais ainda não é totalmente perceptível, uma vez que a escavação nos quadrados onde as mesmas se situam está ainda por terminar.

A primeira área habitacional corresponde ao muro [623] (Quadrado O 12). Este muro, delimitador de um espaço habitacional, foi edificado com recurso a pedras de corneana de médias a pequenas dimensões, com interstícios preenchidos por terras argilosas de grão médio a fino, compactas e de cor bege. Ostenta orientação noroeste-sudeste, com 0,30 m de largura média, uma extensão visível de 1,70 m e altura máxima visível de 0,15 m. Do espaço habitacional é ainda visível um pátio aberto e lajeado – [624] – (Quadrados N 9 a 10 e O 9 a 11), que é composto por pedras de corneana e ocasionais de granito de médias a grandes dimensões. Ainda que não totalmente definido, apresenta uma superfície de circulação a rondar os 36 m².

A segunda área habitacional (Quadrados L-O 4 a 9) corresponde ao muro [590] e ao muro [596], que mais não são do que dois muros de uma mesma estrutura delimitadora do espaço, perfazendo uma extensão interna superior a 80 m², ainda que não totalmente delimitada, uma vez que a escavação nestes quadrados não se encontra terminada. O primeiro, o muro [590], tem orientação oeste-este, com 1,80 m de extensão visível, 0,60 m de largura e uma altura observável de



FIGURA 13. Muro [596] (Quadrados L-O 8 a 9).

0,20 m. O segundo, muro [596], ostenta orientação nor-noroeste-su-sudeste, com 7 m de extensão visível, 0,50 m de largura e uma altura observável de 0,50 m. De características similares, apresentam-se formados por pedras de corneana de médio/pequeno porte, com raras de granito, ainda que de grandes dimensões, interstícios preenchidos por terras saibrentas compactas, de cor bege/amarelada.

A terceira área habitacional equivale à casa de planta circular [477] e ao seu respetivo pátio aberto e lajeado [188], formado por pedras de corneana e ocasionais de granito de médias a grandes dimensões, circunscritos pelos muros [408], [417] e [268], numa área demarcada aproximada de 77 m². A casa de planta circular [477] (Quadrados L 15 a 16 e M 14 a 16) é composta por pedras de corneana de médio porte, com 4,80 m de diâmetro e paredes com 0,40 m de largura, com interstícios preenchidos por terras saibrentas compactas, de cor bege/amarelada. No seu interior é visível o piso de circulação [478], constituído por terras compactas, saibrentas de grão fino e cor amarelada/bege, com 5 cm de espessura. Aberta no piso, ainda que não em posição central, foi identificada uma cavidade – [484] –, de forma circular, com 0,45 m de diâmetro e 0,06 m de profundidade.



FIGURA 14. Casa de planta circular [477] (Quadrados L 15 a 16 e M 14 a 16).

Especificamente no que concerne aos muros [408], [417] e [268], os mesmos são formados por pedras de corneana de médias dimensões, sendo raras as de granito, com interstícios preenchidos por pedras de diminutas dimensões e argamassadas com uma terra argilosa de grão fino e cor laranja a castanho-clara. O muro [408] ostenta orientação noroeste-sudeste, um comprimento de 9 m, largura média de 0,35 m e uma altura visível de 0,50 m. O muro [417] tem 3,10 m de comprimento e 0,30 m de largura. Finalmente, o muro [268] tem 4,50 m de extensão, 0,40 m de largura máxima e orientação sudoeste-nordeste, ainda que algo irregular.



FIGURA 15. Casa de planta circular [526] e piso de circulação [527] (Quadrados N 17 a 18).

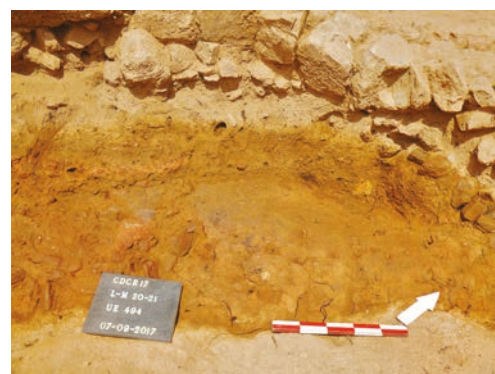


FIGURA 16. Piso de circulação [494] (Quadrado L/M 20-21).

O momento habitacional mais antigo identificado na área em análise corresponde aos vestígios de duas casas circulares. De referir que a correlação espacial/temporal entre estes dois espaços habitacionais não é totalmente perceptível, devido à grande destruição causada pela sucessiva ocupação do espaço onde os mesmos se situam.

A primeira área habitacional desta fase corresponde à casa de planta circular [526] e ao seu respetivo piso de circulação [527] (Quadrado N 17 a 18). A casa de planta circular é composta por pedras de corneana de grandes dimensões, com interstícios preenchidos por pedras de corneana de pequenas dimensões e argamassa compacta, argilosa de grão fino, cor bege-escura a castanho-clara. Apresenta 0,90 m de comprimento, 0,65 m de largura e altura de 0,25 m, não sendo possível determinar o seu diâmetro, devido ao seu mau estado de conservação. Associado a esta estrutura habitacional, foi identificado o piso de circulação [527], que também se encontra em muito mau estado de conservação, formado por terras compactas, de grão muito grosso e cor bege-clara a branco.

A segunda área habitacional desta fase corresponde ao piso de circulação [494] (Quadrado L-M 20-21), formado por terras extremamente compactas, barrentas, argilosas de grão grosso, de cor laranja/avermelhada, cozido *in situ*. Desta realidade habitacional apenas temos um pequeno vislumbre, pois a sua quase totalidade foi destruída pelos trabalhos mecânicos realizados na década de 1990.

Anterior a todas as estruturas supramencionadas foi identificado, um pouco por toda a área intervencionada, um conjunto de estruturas negativas de quinze fossas (Fossas 27, 31 a 33 e 38 a 48), escavadas no nível geológico natural (granito). Ocupam, aparentemente, o espaço de forma aleatória, comprovando o uso contínuo da área onde foram abertas. Encontram-se preenchidas por diferentes unidades de depósito, onde surgem materiais da Idade do Ferro e de Época Romana, não se encontrando associadas a buracos de poste, nem a qualquer tipo de construção pétrea. Por outro lado, estas estruturas não nos parecem depósitos de materiais, como lixeiras, dado o escasso material a elas associado.

De referir, primeiramente, que todas as fossas aqui em análise são cronologicamente anteriores às estruturas habitacionais identificadas na designada Área A, tendo as habitações da Idade do Ferro e de Época Romana sido edificadas diretamente sob as unidades de aterro que preenchiam as referidas fossas.

Este conjunto de estruturas negativas exhibe formas tendencialmente arredondadas e ovaladas, ainda que a configuração das mesmas seja algo irregular. Das fossas identificadas, oito apresentam forma arredondada (Fossa 27, Fossa 31, Fossa 33, Fossa 38, Fossa 39, Fossa 40, Fossa 43 e Fossa 48) e quatro forma ovalada (Fossa 32, Fossa 41, Fossa 44 e Fossa 47). As restantes três fossas apresentam forma de difícil perceção (Fossa 42, Fossa 45 e Fossa 46).

O conjunto de estruturas negativas revela dois períodos distintos de ocupação do espaço. O primeiro encontra-se representado pelas Fossas 27, Fossa 31, Fossa 32 e Fossa 43, que é posterior às restantes fossas, cortando-as, independentemente de a sua forma ser ovalada ou arredondada.

De entre as fossas mais recentes, apenas duas foram escavadas, designadamente a Fossa 43 e a Fossa 27. A Fossa 43 (Quadrados G-H 14 a 15), ainda que não tenham sido dados por terminados os trabalhos de escavação, revelou três unidades de depósito. A mais recente, a [569], revelou somente 36 fragmentos, sendo cinco de *tegulae* e *imbres* de Época Romana e os remanescentes de cerâmica de uso doméstico atribuíveis à Idade do Ferro e à Época Romana. As outras unidades, a [598] e a [603], foram registadas, não tendo, contudo, sido escavadas.

A Fossa 27 (Quadrado F 4 / G 4 a 5), que trancou a Fossa 47, revelou duas unidades de depósito que patentearam cerca de 60 fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro, mas igualmente de Época Romana (ex.: fragmentos de ânforas e de terra *sigillata*). Estas unidades, comuns às duas fossas, foram claramente depositadas como forma de selar o espaço, ou seja, as fossas desempenharam uma função detritica, tendo sido entulhadas com terras provenientes da superfície do espaço habitacional, onde se terão misturado os materiais de diferentes níveis de ocupação.

O segundo período de ocupação do espaço acima mencionado é representado pelas Fossas 45 a 47. Destas, apenas a última foi totalmente intervencionada, tal como supramencionado aquando da descrição da Fossa 27, tendo as duas remanescentes sido identificadas e registadas, não tendo, porém, sido concluídos os trabalhos de escavação das unidades que as preenchem.



FIGURA 17. UE 598 de preenchimento da Fossa 43 (Quadrados G / H 14 a 15).



FIGURA 18. Fossas 27 e 47 após a conclusão dos trabalhos (Quadrados F 4 / G 4 a 5).



FIGURA 19. UE 608 de preenchimento da Fossa 46 (Quadrados H / I 13 a 15).



FIGURA 20. Fossa 41 após a conclusão dos trabalhos (Quadrados I 5 a 6).

A Fossa 46 (Quadrados H-I 13 a 15) revelou duas unidades distintas. A mais antiga, a [608], corresponde a um aterro intencional da fossa composto, essencialmente, por pedras de médias a pequenas dimensões, envoltas por terras compactas, argilosas de grão médio a fino e cor castanho-escuro a bege. Sobre esta unidade foi colocado o nível de terras [576], formado por terras heterogêneas, compactas, cor castanho-clara a castanho-escuro, argilosas de grão médio a fino, com frequentes pedras de corneana de pequenas dimensões. Os materiais recolhidos correspondem somente a fragmentos de cerâmica de construção e a um peso de tear de Época Romana.

No que diz respeito às demais fossas – Fossa 33, Fossa 38, Fossa 39, Fossa 40, Fossa 41, Fossa 42, Fossa 44 e Fossa 48 – é impossível determinar se as mesmas podem ser inseridas no acima mencionado período de ocupação do espaço, uma vez que aparecem isoladas ou num segundo momento ocupacional. Destas, foram escavadas na íntegra a Fossa 38, a Fossa 40 e a Fossa 41, que apresentam, na atualidade, uma profundidade que não ultrapassa os 0,33 m, o que certamente não corresponderia à sua altura original, tendo as mesmas sido profundamente afetadas pelas ações mecânicas de terraplenagem da área.

Estas fossas estavam preenchidas somente por uma unidade – [536], [520] e [558], respetivamente. A primeira revelou 15 fragmentos cerâmicos, a segunda somente quatro e a última 26 fragmentos de cerâmica de construção de Época Romana (*tegulae* e *imbrices*), 16 fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro e de Época Romana e um fragmento de movente de mó de Época Romana. A Fossa 44 (Quadrados G-H 13 a 14) foi igualmente intervencionada, ainda que a sua escavação não tenha sido terminada, tendo, até ao momento, revelado três unidades – [571], [599] e [609]. A unidade [571] foi a única a ser escavada, sendo composta por terras muito compactas, heterogêneas, cor laranja-escuro a castanho-clara, argilosas de grão fino, com frequentes pedras de corneana de pequenas dimensões, tendo patenteado 22 fragmentos cerâmicos de uso doméstico da Idade do Ferro e de Época Romana.

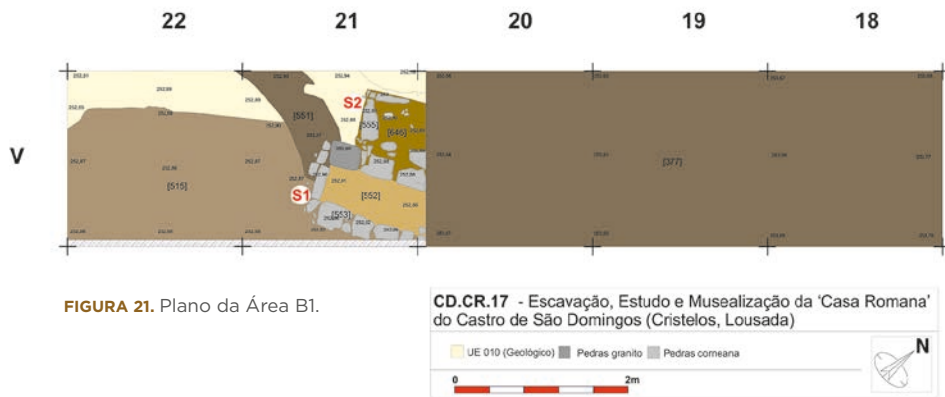
Finalmente, no que concerne às remanescentes fossas – Fossa 33, Fossa 39, Fossa 42 e Fossa 48 –, é de referir que não foram escavadas, tendo somente sido registadas.

7.2. AÇÕES DE ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA: ÁREA B

A escavação na designada Área B fez um total de 92 m², repartida por duas áreas separadas entre si. A primeira, Área B1, foi intervencionada nos Quadrados V 18 a 22, numa superfície total de 10 m²; a segunda, Área B2, foi intervencionada nos Quadrados Q-R 2 a 7 / S 4 a 10 / T 5 a 10), numa superfície total de 82 m².

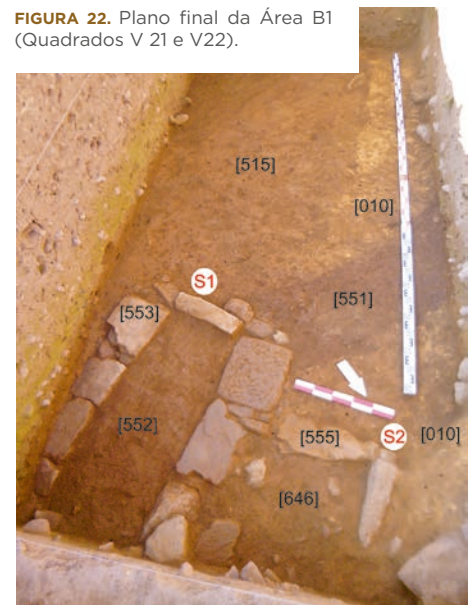
7.2.1. ÁREA B1

A escavação revelou aqui uma sequência deposicional elementar. Assim, após as ações de remoção das unidades humosas/vegetais e de aterro foram identificadas duas sepulturas, com orientação sudoeste-nordeste, abertas no geológico natural e em níveis de depósito de Época Romana. De referir que estas sepulturas foram delimitadas apenas de forma parcial, uma vez que se prolongam para o corte sudeste do Quadrado V 21, tendo sido identificadas a cerca de 2 m da cota de circulação atual.



Contudo, foi possível constatar que a Sepultura 1 era composta por pedras de corneana e granito de médias dimensões, com 1,30 m de comprimento (não estando totalmente delimitada) por 0,50 m de largura (dimensões internas). A preenche-la foi identificada a unidade [552], composta por terras homogêneas, soltas, de cor castanho-escuro, grão médio a fino. Truncando a Sepultura 1 no seu lado norte, e cronologicamente posterior, foi identificada a Sepultura 2, que é composta por pedras de corneana e granito de médias dimensões, com 0,55 m de comprimento (não estando totalmente delimitada) por 0,50 m de largura (dimensões internas). A preenche-la foi identificada a unidade [646], composta por terras homogêneas, soltas, de cor castanho-escuro, de grão médio a fino. De mencionar que as unidades que se encontram no interior destes dois sepulcros não foram escavadas.

FIGURA 22. Plano final da Área B1 (Quadrados V 21 e V22).



7.2.2. ÁREA B2

Nesta área, removidos os níveis de aterro de Época Contemporânea, bem como a totalidade das unidades de preenchimento das diversas valas mecânicas aqui identificadas, ficaram patentes quatro níveis ocupacionais de cronologias variadas.

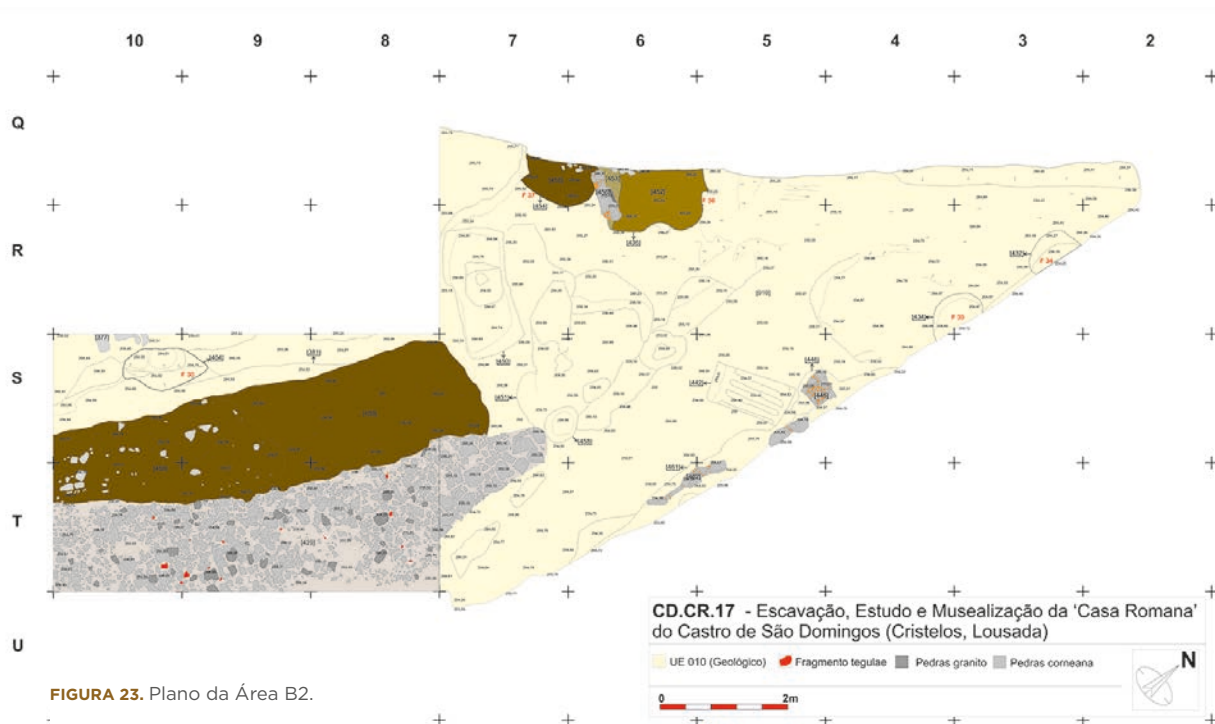


FIGURA 23. Plano da Área B2.

Desta forma, de Época Contemporânea/Moderna, foram identificados dois muros, [462] e [556], coevos e correspondentes a um possível muro de propriedade.

O muro [462] (Quadrados S-T 5 a 6), em mau estado de conservação, apresenta 2,85 m de comprimento, 0,30 m de espessura e 0,45 m de altura, sendo composto por pedras de corneana e de granito de médias dimensões, com apenas uma face visível, tendo sido construído adossado ao geológico natural. O segundo tramo deste muro de propriedade, [556] (Quadrado Q 2), apenas perceptível em corte, apresenta-se em regular estado de conservação, edificado no sentido nordeste-sudoeste, ostentando parede dupla, com recurso a pedras de corneana e de granito de médias a grandes dimensões, com uma largura de 0,20 m, uma altura máxima de 1 m e 0,70 m de comprimento.

No limite este da área escavada foi identificada uma estrutura de delimitação do espaço [402]/[429], de Época Medieval, composta por um amontoado de pedras de corneana de pequenas a médias dimensões, não argamassadas, ostentando igualmente pedras de granito, fragmentos de mós romanas (granito) e fragmentos de *tegulae*, envoltas por terras desagregadas. Edificada no sentido nordeste-sudoeste, é, neste momento, perceptível numa extensão de 8 m, com 2 m de largura e altura de 0,50 m, sendo constituída, na sua “base”, por um aglomerado de pedras de características similares às que



FIGURA 24. Muro [462] (Quadrados S / T 5 a 6).

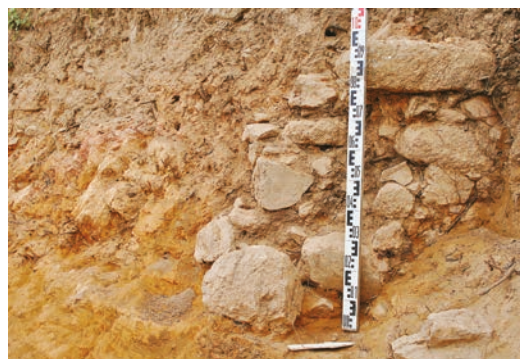


FIGURA 25. Muro [556] (Quadrado Q 2).

lhes precedem, mas de maiores dimensões (cerca de 0,40 m), assentes diretamente no geológico natural e numa unidade deposicional, a [459]. Esta estrutura parece estar em aparente relação com as sepulturas identificadas na supramencionada Área B1, que atestam a utilização cemiterial do espaço.

Cronologicamente anteriores, foram ainda identificadas nesta área duas estruturas, aparentemente sem correlação entre si, da Idade do Ferro.

A primeira, a estrutura [445] (Quadrados S 4 a 5), truncada pela ação de abertura da Travessa de Nossa Senhora da Conceição e pela construção do muro de propriedade [462], corresponde a um muro de uma habitação circular, em muito mau estado de conservação, apenas subsistindo um pequeno troço com 0,40 m de espessura, 0,55 m de altura e um comprimento de 0,50 m, composto por pedras de corneana de pequenas dimensões, com interstícios preenchidos por saibro de grão fino, compacto e de cor bege/amarela. A sua vala fundacional foi aberta diretamente no geológico natural, tendo sido colmatada por uma unidade composta por terras homogêneas, compactas, argilosas de grão médio a grosso, cor entre o castanho-escuro e o preto. De referir que não foi identificado espólio e/ou piso associado a este muro.



FIGURA 26. Estrutura de delimitação do espaço [402] / [429] (Quadrados S 7 / T 7 a 10).

A estrutura [456] (Quadrados Q-R 6) corresponde a um muro de pequenas dimensões (0,20 m de largura e 0,80 m de comprimento), em mau estado de conservação, edificado no sentido oeste-este, sendo visíveis duas fiadas do mesmo, composto por pedras de corneana de pequenas a médias dimensões, com argamassa compacta, saibrenta de grão médio e cor bege a preencher os interstícios. Este muro prolonga-se, presumivelmente, para oeste (Quadrados Q 6-7), tendo sido truncado no seu lado este.



FIGURA 27. Fossa 36 e estrutura [456] (Quadrados Q / R 6).

Este pequeno tramo de muro foi edificado diretamente sobre duas fossas (Fossa 36 e Fossa 37). Estas fossas correspondem a um conjunto de estruturas negativas, de possíveis silos, escavadas no nível geológico natural, tendo nesta área sido identificado um total de cinco: Fossa 30, Fossa 34, Fossa 35, Fossa 36 e Fossa 37. Estas fossas estavam, na sua totalidade, cobertas por níveis de aterro de Época Contemporânea, apresentando-se em mau/regular estado de conservação, tendo sido afetadas pelas supramencionadas ações mecânicas realizadas na área em estudo em anos recentes.

Das cinco fossas aqui identificadas, uma apresenta forma ovalada (Fossa 30), enquanto as restantes ostentam forma de difícil perceção (Fossas 34 a 37), tendo apenas três sido integralmente escavadas: Fossa 30, Fossa 34 e Fossa 35.

A Fossa 30 (Quadrados S 9 a 10), truncada no seu limite sudeste, apresenta, tal como mencionado, uma forma ovalada, ainda que de paredes e base irregulares, com pendente no sentido este-oeste, com duas pequenas depressões no seu limite noroeste, atingindo uma profundidade máxima de 0,95 m. Estava preenchida por três unidades – [384], [405] e [447] –, que foram aqui intencionalmente depositadas como forma de a selar/condenar. A primeira unidade, [384], correspondia a um nível de terras homogéneas, de cor entre o castanho-claro e o cinzento, desagregadas de grão fino, com frequentes pedras de corneana de médias a grandes dimensões, com raros fragmentos cerâmicos. A segunda unidade, [405], equivalia a um nível de pedras de corneana e de granito de médias a grandes dimensões, de entre as quais se destacam três fragmentos de mós (moventes) romanas. Finalmente, a terceira unidade, [447], era composta por terras homogéneas, compactas, argilosa, de grão fino, cor bege/amarelo-escuro, com raras pedras de corneana de pequenas dimensões, não tendo fornecido qualquer espólio.

A Fossa 34 e a Fossa 35, truncadas nos seus limites este pelos trabalhos de alargamento da Travessa de Nossa Senhora da Conceição em anos recentes, revelaram estar preenchidas por somente uma e duas unidades, respetivamente, de escassa possança e reduzidas dimensões, correspondendo a terras heterogéneas. Forneceram escasso es-



FIGURA 28. Fossa 30 após a conclusão dos trabalhos (Quadrados S 9-10).



FIGURA 29. UE 405 de preenchimento da Fossa 30 (Quadrados S 9-10).

pólio cerâmico – 16 e três fragmentos, respetivamente –, todo de diminutas dimensões e cronologicamente enquadrável na Idade do Ferro e/ou Época Romana.

A Fossa 36 e a Fossa 37 não foram integralmente delimitadas, por se situarem no limite da área aqui intervencionada, o que impossibilitou a sua completa perceção. As unidades que preenchem estas estruturas em negativo não foram escavadas, por se encontrarem a servir de base de assentamento ao muro [456], da Idade do Ferro.

7.3. ESPÓLIO EXUMADO

O espólio recolhido decorrente do projeto de “Escavação, estudo e musealização da “Casa Romana” do Castro de São Domingos” (Cristelos – Lousada), 5.^a campanha de trabalhos arqueológicos, totalizou os 17.942 objetos, com destaque quantitativo para os fragmentos cerâmicos. Apareceram ainda fragmentos líticos (n=103), escória (n=63), metal (n=42) e vidro (n=15).

A olaria doméstica, encontrada um pouco por toda a área intervencionada, representa 78,5% das recolhas. Equivale a material muito fragmentado, por vezes até formalmente incaracterístico, tendo-se revelado, no geral, muito friável e fragmentado, tornando muito difícil a sua reconstituição formal.

Entre a olaria doméstica comum temos de fazer a distinção entre o material de Época Romana e o material da Idade do Ferro.

A olaria doméstica da Idade do Ferro foi identificada um pouco por toda a área intervencionada, encontrando-se representada por múltiplos fragmentos. De entre estes mereceram tratamento particular os padrões decorativos e as peças mais completas.

Os fragmentos que ostentam decoração correspondem, na sua quase totalidade, a panças de pequenas dimensões. Quanto a tipologias, são essencialmente cerâmicas de cozinha, como vasos, potes e panelas, bem como peças de perfil em SS, de diferentes dimensões.

A decoração incisa é a mais representada, com um total de 75 fragmentos, com preferência por uma ornamentação geométrica de linhas retilíneas horizontais (NL382 / NL398 / NL399 / NL401 / NL415 / NL418 a NL421 / NL423 / NL425 a NL427 / NL429 a NL433 / NL435 a NL441 / NL443 e NL633), linhas retas horizontais preenchidas por traços oblíquos (NL347 / NL350 / NL352 / NL354 / NL355 / NL361 / NL364 / NL366 / NL378 / NL392 / NL406 / NL408 / NL434 e NL445), bem como composições em espinha (NL351 / NL353 / NL360 / NL363 / NL371 / NL372 / NL377 / NL379 / NL388 / NL390 / NL416 / NL714), triangulares (NL395 e NL469), reticulados (NL370 / NL380 / NL384 e NL404) e em SS (NL345).



FIGURA 30. Fragmentos ostentando decoração (NI_419 a NI_426).

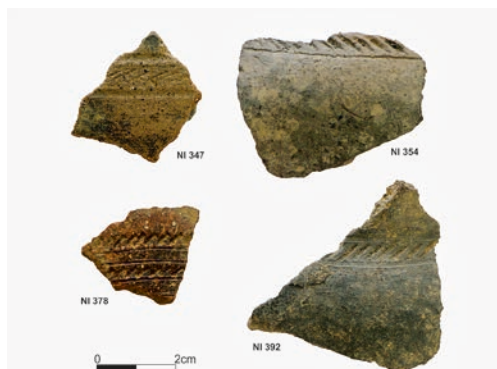


FIGURA 31. Fragmento de pança com decoração (NI_388) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).



FIGURA 32. Fragmento de pança com decoração (NI_388) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

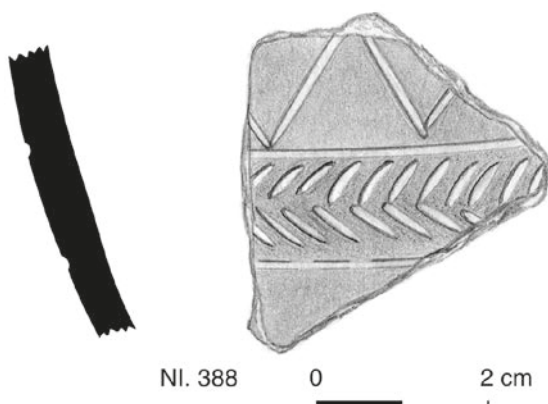


FIGURA 33. Fragmento de pança com decoração (NI_388) (Fátima Pacheco).



FIGURA 34. Peça ostentando decoração em espinha (NI_714) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

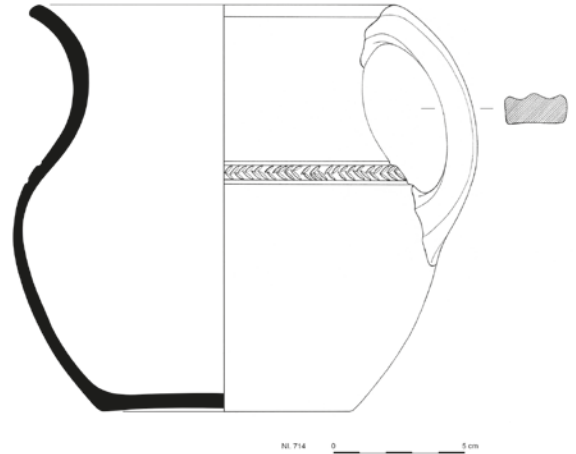


FIGURA 35. Peça ostentando decoração em espinha (NI_714) (Fátima Pacheco).



FIGURA 36. Fragmentos de pança com decoração (NI_370) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

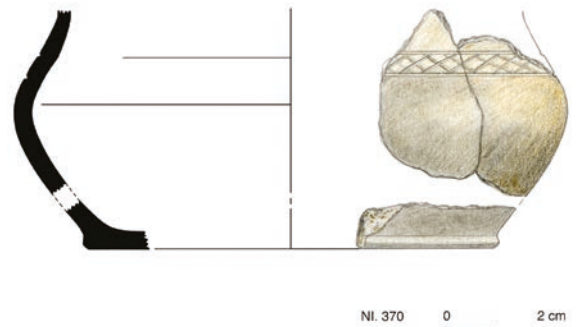


FIGURA 37. Fragmento de pança com decoração (NI_370) (Fátima Pacheco).

A decoração incisa associada a estampagem encontra-se visível em 14 fragmentos de panças, na sua generalidade de diminutas dimensões, com presença de composições que ostentam círculos concêntricos (NI_359 / NI_373 e NI_387), estampagem de SS (NI_346 / NI_358 e NI_368) e matrizes de pontilhado (NI_342 / NI_343 / NI_345 / NI_349 / NI_356 e NI_369).

A decoração por estampagem está relacionada com quatro fragmentos de panças, com a presença de composições que ostentam círculos concêntricos (NI_341), motivos quadrangulares (NI_344), circulares (NI_393) e em SS (NI_417).



FIGURA 38. Fragmento de pança com decoração (NI_387).



FIGURA 39. Fragmento de pança com decoração (NI_358).



FIGURA 40. Fragmento de pança com decoração (NI_359) (Fátima Pacheco).



FIGURA 41. Fragmento de pança com decoração (NI_359) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).



FIGURA 42. Fragmento de pança com decoração (NI_342) (Fátima Pacheco).



FIGURA 43. Fragmento de pança com decoração (NI_342) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).



FIGURA 44. Fragmento de pança/asa com decoração (NI_341).



FIGURA 45. Fragmento de pança com decoração (NI_357) (Fátima Pacheco).



NI_357 0 2 cm



FIGURA 46. Fragmento de pança com decoração (NI_357) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

Por fim, referência para seis fragmentos que ostentam uma decoração incisa associada a cordões simples, com preferência por uma ornamentação geométrica de linhas retilíneas incisadas (NL362 / NL367 / NL385 / NL391 e NL409) e em espinha (NL357).

Armando Coelho Ferreira da Silva (1986, pp. 33-65, 1995, p. 507, 1999, p. 111) propôs, para o desenvolvimento do “habitat castrejo”, uma periodização em que definiu três fases, cada qual subdividida em dois.

A primeira fase corresponde à primeira metade do I milénio a.C., equivalendo à fase de formação, onde temos o aparecimento de povoados fortificados no contexto do Bronze Final Atlântico, com vínculos continentais e mediterrânicos. A Fase IA baliza-se entre 1000 e 700 a.C. e a Fase IB entre os séculos VII e VI a.C., com ligações interiores e meridionais.

A segunda fase, que equivale à asserção do habitat castrejo, patenteia uma cronologia, para a Fase IIA, entre 500 e 200 a.C., aproximadamente, revelando influências continentais de cariz *post-hallstático* ou dos Campos de Urnas da Idade do Ferro, das movimentações dos *Turduli Veteres* na Península Ibérica e do comércio púnico. A Fase IIB equivale ao contacto direto entre indígenas e romanos, tendo-se registado as primeiras importações itálicas.

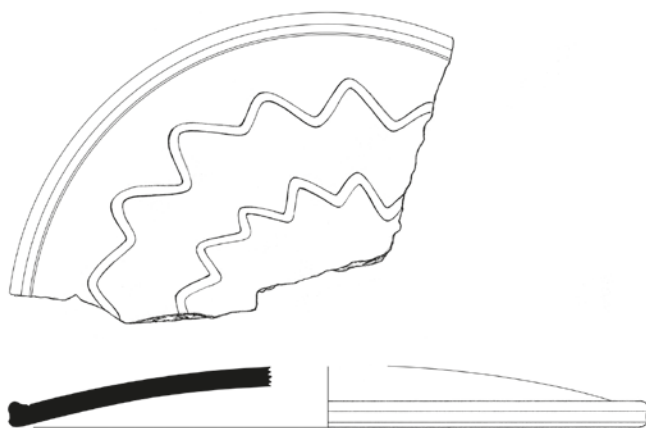


FIGURA 47. Fragmento de testo com decoração NI_481 (Fátima Pacheco).

NI_481 0 2 cm

A terceira fase é já de proto-urbanização e de reorganização territorial sob auspício de Roma. A Fase IIIA iniciou-se com a campanha militar de Decimus Junius Brutus, nos anos de 138-136 a.C., prolongando-se até às reformas flavianas, na segunda metade do século I. A Fase IIIB equivale à conquista e consequente pacificação do Noroeste peninsular, com a definitiva aceitação dos modelos de Roma.

De acordo com a sistematização em três fases principais, elaborada por Armando Coelho Ferreira da Silva, podemos dizer que os fragmentos que ostentam decoração se enquadram genericamente na Fase III.

Na olaria comum doméstica de Época Romana temos um predomínio das vasilhas de coloração alaranjada, por vezes com engobes laranjas ou avermelhados (NL340 / NL414 / NL446 a NL468 e NL470 a NL488), ocorrendo também, em menor proporção, peças de pastas de aspeto exterior mais escuro (NL376 / NL381 / NL400 / NL403 / NL407 / NL413 / NL424 / NL428).

Este espólio provém, na sua quase totalidade, de níveis de aterro profundamente alterados. A exceção a este panorama, de entre o espólio inventariado, é apenas manifestada pelas peças correspondentes aos NL457 / NL461 / NL474 a NL476, provenientes da unidade [398], que equivale a um nível de aterro de Época Romana.

Entre a cerâmica comum doméstica de Época Romana foram recolhidos três fragmentos ostentando pintura (NL456 / NL458 e NL459). Estes fragmentos de pança foram recolhidos em níveis de aterro profundamente alterados, concretamente das unidades [580] e [583], equivalendo a peças que apresentam pasta de cor bege-clara, paredes finas, extremamente depuradas, bastante leves, ostentando motivos lineares pintados em tons avermelhados.



FIGURA 48. Fragmento de pança ostentando pintura (NI_459) (Fátima Pacheco).

NI_459 0 2 cm



FIGURA 49. Fragmento de pança ostentando pintura (NI_459) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).



FIGURA 50. Fragmento de pança com decoração (NI_478).



FIGURA 51. Fragmento de fundo no qual foi grafitado, na base externa, um X (NI_340).

Ainda entre a cerâmica comum doméstica de Época Romana, foram recolhidos 47 fragmentos com decoração. Quanto a tipologias, são essencialmente cerâmicas de cozinha, como vasos, potes e panelas, bem como *dolia*. Os fragmentos que ostentam decoração correspondem, na sua totalidade, a panças. A decoração incisa é a mais representada, com um total de 30 fragmentos, com preferência por uma ornamentação geométrica de linhas retilíneas horizontais (NI_424 / NI_428 / NI_460 a NI_468 / NI_470 a NI_476 / NI_479 e NI_482), linhas onduladas (NI_480 / NI_481 / NI_484 e NI_485), linhas retilíneas associadas a linhas onduladas (NI_477 / NI_478 e NI_483) e motivos reticulados (NI_403 e NI_407).

A decoração incisa sobre relevo (NI_376 e NI_400) e com cordão digitado (NI_381 e NI_457) foi identificada em quatro fragmentos. Uma última nota para a recolha de um fragmento (NI_340), correspondente a um fundo de um possível copo, no qual foi grafitado, na base externa, um X, em momento posterior à cozedura da peça, talvez como forma de distinção da mesma.

Ainda entre a olaria doméstica de Época Romana, foram identificados diversos fragmentos de *dolia*, de ânforas, de terra *sigillata* e de cerâmica cinzenta fina.

Entre os elementos de ânforas (n=240), oito correspondem a asas, cinco a bordos e apenas um a fundos, sendo os restantes pertencentes a panças. São fragmentos de médias a pequenas dimensões, ostentando, na sua generalidade, pasta de tonalidade bege, compacta e bem cozida, provenientes, na sua quase totalidade, de níveis de aterro muito alterados. A exceção a este panorama é manifestada apenas por 10 fragmentos de panças de peças distintas. Destes, seis foram recolhidos em duas unidades de depósito – [398] e [406] – de Época Romana, sendo os restantes de unidades que se encontravam a preencher duas fossas. Três são da unidade [561], que se encontrava na Fossa 47, e o último da unidade [571], que se encontrava presente na Fossa 44.

No que concerne à cerâmica fina de mesa, esta encontra-se representada por diversos fragmentos de terra *sigillata* (NI_511 a NI_621), provenientes, na sua quase totalidade, de níveis de aterro profundamente alterados.

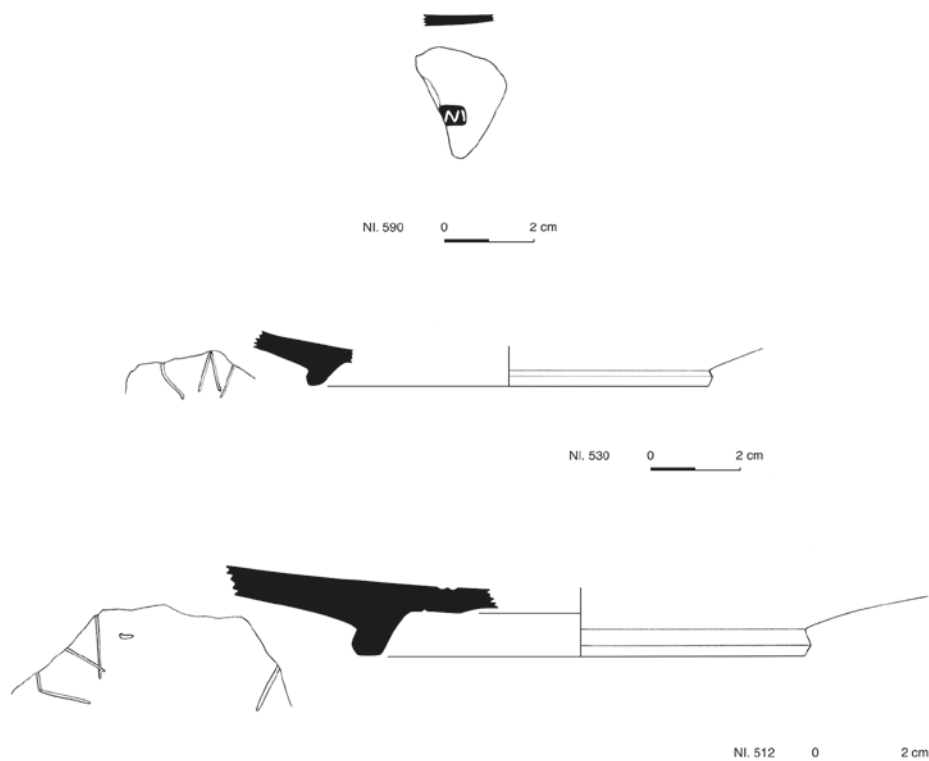


FIGURA 52. Fragmentos de terra *sigillata* (NI_512, NI_530 e NI_590) (Fátima Pacheco).

A exceção é somente manifestada pelas peças correspondentes aos NI_527 / NI_546 / NI_576 / NI_531 / NI_588 / NI_589 e NI_618. A primeira é proveniente da unidade [265], equivalente a um depósito de enchimento da Fossa 47; a segunda da unidade [558], correspondendo a um nível de enchimento da Fossa 41; e as restantes da unidade [398], equivalente a um nível de aterro de Época Romana.

A generalidade dos fragmentos de terra *sigillata* recolhidos são de cronologia tardia, condizente com a última fase de Época Romana de ocupação do povoado. Apresentam, na sua generalidade, um regular estado de conservação, ainda que 22,4% sejam de diminutas dimensões (≤ 2 cm). Dos fragmentos recolhidos, apenas 9,7% ($n=13$) ostentam decoração (NI_518 / NI_521 / NI_522 / NI_526 / NI_527 / NI_529 / NI_532 / NI_540 / NI_541 / NI_542 / NI_543 / NI_544 e NI_576). De entre a decoração, destaque para os motivos vegetalistas/florais e de cariz geométrico.

De entre os fragmentos de terra *sigillata* podemos observar dois fragmentos (NI_512 e NI_530) com grafitos alfabéticos nas suas faces externas, ostentando, o primeiro, as letras capitais IV e, o segundo, as letras capitais CN, sendo procedentes dos trabalhos de limpeza de corte da Travessa de Nossa Senhora da Conceição (limite sul/sudeste da área intervencionada) e da unidade [565], correspondendo a um nível de aterro. Referência igualmente para um fragmento de fundo (NI_590) de terra *sigillata*, de diminutas dimensões e em muito mau estado de conservação, com marca de oleiro (sendo apenas visível as letras NI), realizada por estampagem.

Ainda entre a olaria comum doméstica de Época Romana, referência para a cerâmica cinzenta fina comum, totalizando 103 fragmentos. A generalidade destes fragmentos centra-se na segunda metade do século I. Ostentam pasta muito depurada e leve, de

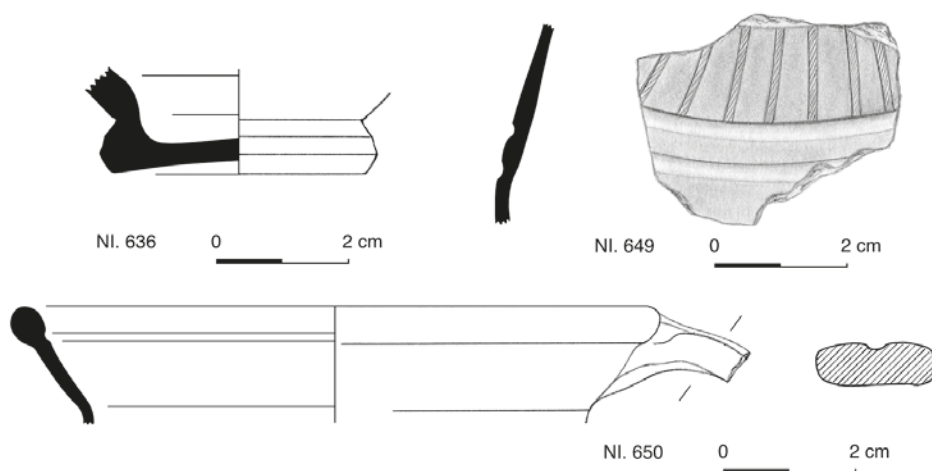


FIGURA 53. Fragmentos de cerâmica cinzenta fina (NI_636, NI_649 e NI_650) (Fátima Pacheco).

paredes finas de boa cozedura, estando, na sua generalidade, em regular estado de conservação, ainda que sejam, na sua maioria, de pequenas dimensões, o que dificultou a sua reconstituição formal. São provenientes, na sua quase totalidade, de níveis de aterro muito alterados. A exceção a este panorama é somente manifestada pela recolha de dois diminutos fragmentos procedentes da unidade [398], que equivale a um depósito de Época Romana.

De entre estes, foram inventariados 36 fragmentos (NL390 / NL407 e NL636 a NL669), correspondendo a um bordo/asa (NL650), a seis bordos (NL640 / NL641 / NL642 / NL646 / NL656 e NL657), a 13 fundos (NL636 a NL639 / NL658 / NL662 a NL669) e a 16 com decoração. Os fragmentos que ostentam decoração correspondem, na sua quase totalidade, a panças de pequenas dimensões. Na decoração é perceptível uma preferência por uma ornamentação geométrica de linhas retilíneas horizontais e verticais, composições em ziguezague, em espinha e reticulado.

Uma última nota para a recolha de 11 peças de jogo em cerâmica (NL182 a NL192) procedentes, na sua totalidade, de níveis de aterro muito alterados. Dois correspondem a um reaproveitamento de fragmentos de ânfora (NL183 e NL188). O NL185 equivale a uma peça de jogo de forma redonda, correspondendo a um reaproveitamento de um fragmento cerâmico da Idade do Ferro, com pasta e cerne de cor castanho-escuro, com abundantes inertes de quartzo e mica. Ostenta decoração composta por duas linhas longitudinais à peça, encimadas por um motivo estampilhado.

As peças de jogo correspondentes aos NL182 / NL184 / NL186 / NL187 / NL189 e NL192 dizem respeito a peças em bom estado de conservação, correspondendo a reaproveitamentos de diversos fragmentos de cronologia atribuível à Idade do Ferro, com exceção do último, que corresponde ao reaproveitamento de um fragmento de vaso de Época Romana. Para a produção destas peças foram utilizados, além de fragmentos de cerâmica de uso doméstico, fragmentos de *tegula* (NL190) e *imbrex* (NL191).

Uma referência para a recolha de três fragmentos de lucernas (NL179 a NL181), concretamente uma asa e dois fragmentos de depósito de combustível – *infundibulum*



FIGURA 54. Peças de jogo (NI_183, NI_185 e NI_191).

–, todos de diferentes peças. Correspondem a fragmentos de pequenas dimensões ($\leq 2,6$ cm), ostentando pasta de boa cozedura, cor alaranjada, cerne branco e grão muito fino.

A cerâmica de construção, encontrada um pouco por toda a área intervencionada, representa 17,6 % das recolhas. Equivale a material muito fragmentado, por vezes até formalmente incaracterístico.

De entre a cerâmica de construção temos de fazer a distinção entre o material de Época Romana (representando 95,1% das recolhas) e o material de Época Contemporânea (representando 4,9% das recolhas). De entre os primeiros, a mais representativa é a *tegula*, com 2003 fragmentos, seguida do *imbrex*, com 568 fragmentos, e de apenas sete fragmentos de tijolos. De notar que 14,1% ($n= 424$) da cerâmica de construção de Época Romana corresponde a diminutos fragmentos (inferiores a 10 cm), o que tornou impossível determinar a sua tipologia.

As *tegulae*, material cerâmico usualmente usado na construção de telhados, geralmente ligadas à cobertura das casas romanas, foram usadas entre nós até à Baixa Idade Média e “eram ‘personalizadas’ pelo meio da inclusão de uma impressão, que era realizada quando o barro se encontrava ainda fresco. Este modo de marcação (...) permitia a transmissão de uma ‘identidade oleira’ (...) tendo em conta que as marcas, pelo menos [as 27 *tegulae* analisadas pelos autores] aparecerem continuamente na parte próxima da *tegulae*, ou seja, a que iria ficar exposta, se tal intenção não fosse tida em consideração, certamente seria a marca realizada em outras partes da *tegula*, situação que não se verifica” (Sousa, Nunes e Gonçalves, 2007, p. 60).

Dos fragmentos de *tegulae* recolhidos, 34 ostentam marcas. De entre estes, apenas um apresenta marca alfabética (NI_328), proveniente da unidade [581]. Neste fragmento cerâmico, de pasta alaranjada, granulada e de aspeto grosseiro, é perceptível a letra M.



FIGURA 55. Fragmento de *tegulae* com marca alfabética (NI_328).

Com marcas esquemáticas foram identificados nove fragmentos (NL303 / NL304 / NL307 / NL308 / NL317 / NL324 / NL325 / NL327 e NL624). De entre estas marcas esquemáticas sobressai uma homogeneidade no motivo representado, sendo perceptível em todos estes fragmentos, apesar das dimensões diminutas da sua maioria, uma marca de oleiro geométrica, composta por uma ou duas linhas incisadas paralelas, que se desenvolvem em semicírculo. A regra a este panorama é apenas quebrada pelo NL327, correspondendo a um pequeno fragmento (≤ 13 cm) com marca de oleiro geométrica, composta por um reticulado formado por duas linhas paralelas dispostas na vertical, intercruzadas por outras duas na horizontal. A leitura deste motivo geométrico é parcial, uma vez que o mesmo se encontrada truncado pela fratura da peça.

Foram igualmente recolhidos três fragmentos com marcas de pegadas de animais (NL312, NL313 e NL325). As marcas de animais presentes nestas *tegulae* correspondem a patas de canídeo – *Canis familiaris*; *Vulpes*? (NL312); a uma pata de caprídeo (NL313) e a uma pata de felídeo (NL325). Uma nota para referir que este último fragmento de *tegula* ostenta uma marca de oleiro geométrica, composta por duas linhas incisadas paralelas, que se desenvolvem em semicírculo, tendo na sua fase de secagem sido pisada por um gato.



FIGURA 56. Fragmento de *tegulae* com patas de canídeo (*Canis familiaris*; *Vulpes vulpes*?) (NI_312).

Os restantes 20 fragmentos de *tegulae* com marcas, dada a sua exiguidade (o maior apresenta 12,9 cm), exibem marcas de difícil perceção (NL301 / NL302 / NL305 /

NL_306 / NL_309 / NL_310 / NL_311 / NL_314 / NL_315 / NL_316 / NL_318 a NL_323 / NL_326 / NL_329 / NL_622 e NL_623). Correspondem a fragmentos com a marca de oleiro truncada pela fratura da peça, com pasta alaranjada, granulada e de aspeto grosseiro.

De entre a cerâmica de construção de Época Romana, a segunda mais representativa é o *imbrex*, com 568 fragmentos. À semelhança das *tegulae*, correspondiam a material cerâmico normalmente usado na construção de telhados, geralmente ligado à cobertura das casas romanas. Os fragmentos de *imbrex* recolhidos equivalem, na sua quase totalidade, a fragmentos de pequenas a diminutas dimensões. De entre estes, apenas foram identificados dois com marcas de oleiro (NL_330 e NL_331), apresentando dimensões inferiores a 12 cm de comprimento, pasta alaranjada, granulada e de aspeto grosseiro, com marcas de oleiro indeterminadas pela fratura das peças.

Relativamente ao espólio lítico, foram recolhidos 103 fragmentos, repartidos por mós (n=36), pesos de tear (n=15), percutores (n=10), machados (n=9), peças de jogo (n=8), amoladores (n=5), cossoiros (n=2), moventes (n=2), enxós (n=2), sílex (n=2), tampas (n=1), soleiras (n=1) e raspadores (n=1), equivalendo os restantes nove fragmentos a líticos de função indeterminada.

De entre os materiais líticos merecem destaque, pela sua preponderância, os fragmentos conotados com a atividade moageira, isto é, o processo de transformação do cereal em farinha para consumo humano (ou animal), que se repartem entre fragmentos de mós de vaivém (NL_672 / NL_675 / NL_679 / NL_680 / NL_683 / NL_686 / NL_689 / NL_692 / NL_695 / NL_697 / NL_698 e NL_702), fragmentos de moventes (NL_254 e NL_255) e fragmentos de moinhos manuais rotativos de cronologia romana (NL_286 / NL_673 / NL_674 / NL_676 a NL_678 / NL_681 / NL_682 / NL_684 / NL_685 / NL_687 / NL_688 / NL_690 / NL_691 / NL_693 / NL_696 / NL_699 a NL_701 e NL_703 a NL_707).

A presença dos fragmentos de mós de vaivém e dos moventes “indiciam a enorme importância económica e cultural dos cereais e da sua transformação na alimentação das primeiras comunidades humanas a fixarem-se nesta região do Vale do Sousa. Embora primitivo, este sistema de moagem perdurou na região, pelo menos, até ao advento da ocupação, firmada localmente apenas a partir do século III d.C. sendo, até lá, relativamente comum em habitats da Idade do Ferro, mesmo com fortes evidências de romanização” (Nunes e Lemos, 2013, p. 144).

Destaque também para os cossoiros exumados no decorrer dos trabalhos. Estes repartem-se, no que à matéria-prima diz respeito, em dois grupos: os manufacturados em líticos (NL_206 e NL_207) e os produzidos em cerâmica (NL_199 a NL_207).

Os cossoiros, dada a sua “perduração no tempo, sendo aplicados com a mesma função em várias regiões, (...) não se podem considerar objecto de utilização específica de uma ou de outra época. Contudo, estão certamente relacionados com a técnica de fiação em fuso. Os cossoiros, *verticili* ou fusaiolas, num sentido lato, são pequenos discos lisos ou decorados, de vários tipos ou formas, na sua maior parte feitos em argila, mas também em pedra, tendo uma perfuração central. Eram colocados na parte inferior do fuso, como remate e, assim, davam o equilíbrio necessário, servindo de volante, que mantinha e prolongava o movimento rotativo que a mão da fiandeira lhe imprimia. Pela sua grande quantidade, pela variedade de formas, peso, dimensões e até de material – o



FIGURA 57. Cossioiros (NI_199, NI_202 e NI_206).

que pode estar relacionado com o tipo de fibra a fiar mas, e sobretudo, com a finalidade para que eram feitos –, muitas propostas se lançaram em relação à sua utilidade” (Silva, 1999, pp. 4-5).

Os cossoiros provenientes desta campanha, como vimos, totalizam 11 fragmentos (dois líticos e nove cerâmicos). De entre os primeiros, a matéria-prima usada foi o xisto. Correspondem a objetos que ostentam perfuração – nem sempre central e de diferentes dimensões – e de contornos regulares.

Os cossoiros manufaturados em cerâmica são do tipo discoide e a quase totalidade denota um reaproveitamento de desperdícios de cerâmica variada (com a exceção do NI_202), tendo para tal sido usadas panças de diversos vasos, todos feitos à roda.

De entre os materiais líticos merecem destaque, pela sua relação com a atividade da tecelagem e do equipamento a ela associada, os fragmentos conotados com os pesos de tear (num total de 29), que se encontram repartidos pela sua matéria-prima, concretamente em granito (n=1) – NI_241; em xisto (n=14) – NI_274 a NI_285 / NI_332 e NI_333; e em barro (n=14) – NI_287 a NI_300.

Em traços gerais, tal como refere António do Nascimento Sá Coixão e Sandra Naldinho, é “ao nível do processo de tecelagem e do equipamento a ele associado, o tear, que encontramos evidências materiais mais consistentes no registo arqueológico (...). [Genericamente] a formação do tecido a partir do fio consiste em cruzar, com os fios paralelos de uma urdidura ou teia, montada vertical ou horizontalmente, o fio de trama, desenrolado do novelo, fio que vai passando entre os fios da urdidura, no sentido perpendicular a eles, da esquerda para a direita e depois da direita para a esquerda. Embora as origens do instrumento designado para albergar este processo sejam difíceis de precisar, (...) alguns dos instrumentos associados – designadamente, os pesos, constituídos por maciços blocos cerâmicos – subsistiram até ao presente. (...). Assume-se que [o tear] seria composto por uma estrutura vertical de quatro barrotes de madeira assentes sobre uma base, delimitando um espaço retangular onde seria montada a urdi-

dura, fixa na vertical por suspensão dos pesos nas extremidades, os quais asseguravam a necessária estabilidade para inserção da trama.” (Coixão e Naldinho, 2011, p. 86)

Resumidamente, os pesos de tear são, pois, um claro testemunho da existência dos designados “teares verticais”, que foram “utilizados na Época Romana para esticar feixes de fios na parte inferior desses mesmos teares verticais” (Coixão e Naldinho, 2011, p. 87)

No que concerne ao único peso de tear recolhido em granito (NL_241), o mesmo apresenta fratura no seu topo, ostentando forma de paralelepípedo de secção retangular.

Relativamente aos “pesos em xisto”, ainda que apresentem todas pequenas dimensões (\leq a 12 cm), são, em geral, afeiçãoados, atingindo, por vezes, a forma ovalada, contendo um orifício de suspensão. Ainda que se desconheça a sua utilização, admitimos a sua aplicação em qualquer função na posição vertical, funcionando como substitutos de um peso de tear de barro.

No que concerne aos “pesos em barro”, seis apresentam-se com forma completa, estando os restantes incompletos. No que concerne à sua forma, cinco apresentam forma trapezoidal (NL_288 / NL_290 / NL_291 / NL_292 e NL_294), oito ostentam forma de paralelepípedo (NL_287 / NL_289 / NL_293 / NL_295 / NL_296 / NL_297 / NL_298 e NL_300) e um forma indeterminada (NL_299), dado o seu mau estado de conservação e reduzidas dimensões.



FIGURA 58. Peso de tear (NL_287) (Fátima Pacheco).



FIGURA 59. Peso de tear (NL_291) (Fátima Pacheco).

Entre os líticos merecem igualmente referência, pela sua preponderância, os percutores (n=10), os machados (n=9) e as enxós (n=2).

De entre os percutores (NL_256 a NL_262 / NL_264 / NL_265 e NL_273), os primeiros cinco apresentam-se completos, patenteando forma oblonga, com marcas de desgaste

nas extremidades. A matéria-prima preferencial foi o granito, sendo, no entanto, de registar um em quartzo (NL_261) e um em corneana (NL_273). Os machados recolhidos são todos de granito (NL_263 / NL_266 a NL_272 e NL_671), e estão fragmentados e em mau/regular estado de conservação. As enxós (NL_250 e NL_253) são em granito: a primeira, com um formato e secção retangular, com gume cortante oblíquo; a segunda, com formato ovalado, com ambas as faces polidas, encontrando-se truncada na base e no topo.



FIGURA 60. Enxó (NI_250) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).



FIGURA 61. Peças de jogo (NI_194, NI_195 e NI_198).

Entre os materiais líticos, de destacar ainda a presença de oito peças de jogo (NL_193 a NL_197 e NL_247), a juntar aos supramencionados 11 em cerâmica. Estas peças são em xisto, com a exceção de duas, NI_198 e NL_249, que são em granito. As peças em xisto denotam que as mesmas foram afeiçoadas para atingirem uma forma arredondada, o mesmo se verificando com o NL_249, em que a rocha granítica foi desgastada até atingir a forma oval. Apenas o NI_198, equivalente a um seixo de rio granítico, foi escolhido pela sua forma naturalmente ovalada.

Uma última nota para a recolha de 42 objetos metálicos, de que se destacam, pela quantidade, os pregos (n=22) e as moedas (n=7), seguidos pela recolha de uma ferradura, de uma fíbula e de um brinco, sendo os restantes 10 objetos de morfologia indeterminada. Para a generalidade das peças metálicas elencadas, e dado o seu estado de conservação, não nos é possível aferir uma cronologia certa. A exceção recai no brinco em ouro (NL_670), recolhido da unidade [465], que corresponde a uma das camadas de enchimento da vala fundacional [472] da estrutura [409] da Idade do Ferro. O brinco é constituído por um aro lunular aberto, maciço, liso, com as extremidades afiladas, e por um apêndice inferior, formado por quatro semiesferas, duas dispostas na horizontal, lado a lado, e duas ao meio destas, na vertical. Cronologicamente, é enquadrável na Idade do Ferro (século IV a.C.).



FIGURA 62. Brinco em ouro (NI_670) (Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Academia das Ciências de Lisboa, 1888-1897. *Portvgaliae monvmenta historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum... Inquisitiones. Volume I*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

Alarcão, A. M., 1958. Sigillata hispânica em museus do Norte de Portugal. *Revista de Guimarães*, 68(3-4), pp. 249-315.

Carandini, A., 1983. *Storie dalla terra: manuale dello scavo archeologico*. Bari: De Donato.

Coixão, A. N. S. e Naldinho, S., 2011. A tecnologia têxtil. *Côa Visão: Cultura e Ciência*, 13, pp. 85-107.

Costa, A. C., 1706. *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens. Tomo primeyro*. Lisboa: na officina de Valentim da Costa Deslandes impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso.

Decreto-Lei n.º 309. D. R. I Série. 206 (2009-10-23) 7975-7987.

Dias, L. T., 1997. *Tongobriga*. Lisboa: IPPAR.

Google Earth, 2018. *Castro de S. Domingos 41°16'21"N, 8°17'57"W, elevação 221 m. [em linha] Acessível em: <<https://earth.google.com/web/@41.27623664,-8.29447368,252.24202414a,1272.95575465d,35y,-0h,0t,0r>> [Consultado em 1 de setembro de 2018].*

Guimarães, F. J. S., 1989. Antiqua. Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmiento (Informes, reconhecimentos e prospecções). *Revista de Guimarães*, 99, pp. 16-66.

Harris, E. C., 1979. *Principios de estratigrafia arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.

IGeoE – Instituto Geográfico do Exército, 1998. Carta Militar de Portugal. *Série M888, Folha n.º 112, 1:25000*. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Lanhas, F., 1971. Lousada: Arqueologia. In: *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura, Volume 12*. Lisboa: Editorial Verbo. pp. 574-575.

Martins, M., 1990. *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Braga: Universidade do Minho.

Mendes-Pinto, J. M. S., 1994. Escavações Arqueológicas no Castro de S. Domingos (Cristelos – Lousada), *Relatório de Trabalhos*. Porto: [s.n.].

Mendes-Pinto, J. M. S., 1995. O povoamento da bacia superior do rio Sousa: da Proto-História à Romanização. Trabalhos de antropologia e etnologia. In: *Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Volume V*. Porto, 12-18 de outubro de 1993. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Mendes-Pinto, J. M. S., 2008. Do castro de S. Domingos a Meinedo: Proto-história e Romanização na bacia superior do rio Sousa. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, número especial, pp. 45-63.

Novais, H., Lemos, P., Leite, J. e Nunes, M., 2014. As rochas do edificado da “Casa Romana” (Cristelos – Lousada). Variação cronológica da sua tipologia e origem. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 7, pp. 211-216.

Nunes, M. e Lemos, P., 2013. *Lustosa, Património e Identidade*. Lustosa: Junta de Freguesia de Lustosa.

Nunes, M., Lemos, P., Leite, J., Novais, H. e Oliveira, A., 2011. Estruturas negativas da “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Lousada): as fossas escavadas no saibro. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 5, pp. 61-84.

Nunes, M., Sousa, L. e Gonçalves, C., 2007. O Castro de S. Domingos (Cristelos – Lousada): algumas notas sobre a sua ocupação durante a Idade do Ferro e Época Romana. *Revista Municipal de Lousada – Suplemento de Arqueologia*, ano 8, 3.^a Série, 45, pp. 1-4.

Nunes, M., Sousa, L. e Gonçalves, C., 2008. *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Gabinete de Arqueologia – Câmara Municipal de Lousada.

Silva, A. C. F., 1986. *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Silva, A. C. F., 1995. A Evolução do Habitat Castrejo e o Processo de Proto-Urbanização no Noroeste de Portugal Durante o I Milénio a. C. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Separata*, 2.^a série, vol. XII.

Silva, A. C. F., 1999. A Cultura Castreja no Norte de Portugal. *Revista de Guimarães*, Volume Especial, I, pp. 111-132.

Silva, A. C. F., 1980. Organizações gentílicas entre Leça e Ave. *Portugália*, nova série, vol. I, pp. 79-90.

Sousa, L., Nunes, M. e Gonçalves, C., 2007. Tegulae com marcas de oleiro e pegadas de animais no concelho de Lousada. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 2, pp. 57-74.

Vieira, J. A., 1887. *O Minho Pittoresco. Tomo II*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira.

